

6. Considerações finais

A voz passiva se tornou um dos tópicos mais debatidos entre variadas construções linguísticas. No concernente ao campo da Aquisição da linguagem, vimos, durante este trabalho, a existência de uma vasta literatura que se tem concentrado em diferentes aspectos, como a métrica da construção passiva, a caracterização do *input* linguístico quanto à presença de passivas e questões pragmáticas envolvidas na produção e na compreensão deste mesmo objeto linguístico.

As diferentes perspectivas teóricas dedicaram-se, mais amplamente, a explicar, ou negar, a existência do chamado atraso universal (*universal delay*) na aquisição plena de construções passivas verbais no concernente à aquisição padrão de língua materna. Com objetivo de trazer novos aportes para este campo de estudo, tentamos trazer um olhar focado em tarefas de compreensão, considerando a complexidade estrutural das passivas e aspectos do processamento em tempo real. Orientamos a nossa investigação, portanto, tendo em vista a proposta de um estreito diálogo entre a análise formal do que virtualmente seria a derivação de uma sentença passiva, por meio de propostas como a de Boeckx (1998) e de Collins (2005), e a implementação funcional desta derivação formal sugerida, levando em consideração, além dos aspectos sintáticos para processamento em tempo real, aspectos morfológicos e semânticos.

Aventamos, a partir da convergência entre processador e gramática viabilizada pelo Modelo Integrado da Computação *on-line* de Corrêa e Augusto (2007), que o procedimento envolvido na condução das tarefas de produção e de compreensão e suas especificidades, no concernente ao processamento adulto, poderia ser elucidativo, em alguma medida, para o entendimento de uma série de questões acerca do que ocorre dentro do período em que se acredita transcorrer a aquisição da linguagem. A maneira como procede/ pode proceder uma criança frente a estas tarefas linguísticas, segundo a nossa proposta, estabeleceria as diferenças entre a gramática infantil e a gramática do adulto.

Os nossos objetivos, elencados na introdução deste trabalho, foram todos contemplados e, nesta última seção, trazemos uma reflexão acerca das principais conclusões logradas.

Consideramos as análises mais recentes para a passiva (BOECKX, 1998; COLLINS, 2005), tentando compatibilizá-las com as premissas do MINC e, assim, chegamos à conclusão de que ambas as propostas são afins à caracterização do acionamento de cópias sequenciadas do Modelo Integrado.

Revelou-se que, a despeito de termos contemplado condições de felicidade, as crianças brasileiras até os seis anos de idade, demonstrariam grande dificuldade em compreender passivas verbais reversíveis com segurança. Os nossos resultados nos permitem rejeitar a hipótese de Fox e Grodzinsky (1998) e sustentar a hipótese de Borer e Wexler (1987; 1992) de que o movimento em cadeia-A, entendido dentro do Modelo Integrado como uma cópia sequenciada, é o responsável maior pelo alto custo computacional na passiva, causando o referido atraso de que viemos falando.

No que se refere a possíveis diferenças entre passivas verbais, curtas e longas, cabe dizer que não há, entre elas, uma representação semântica diferenciada. Ambas as leituras são eventivas e, em ambas, a cópia sequenciada deverá ocorrer. Uma passiva longa, no entanto, entreteria outros aspectos que, ao que parece, poderiam gerar maior custo para a computação. A derivação de mais um DP em espaço paralelo e o seu posicionamento na estrutura poderia trazer um custo adicional evidente que viesse a refletir um atraso ainda maior com respeito às longas em relação às curtas e/ou favorecer o uso de estratégias alternativas para a compreensão dessas estruturas.

Nossos resultados são compatíveis com os achados de Rubin (2006), que testou crianças brasileiras numa faixa etária próxima às dos nossos experimentos. A autora aponta uma tendência que as crianças teriam a atribuir ao primeiro DP o papel temático hierarquicamente mais alto (agente/experienciador), como se estivessem diante de uma sentença ativa. Asserção semelhante fazem Demuth et al. (2009) em estudo com o Sesotho. Como sabemos, a ordem canônica cumpre um papel muito importante no processo de aquisição, sendo reconhecida desde muito cedo pelos infantes (WEXLER, 1998). Sendo assim, parece-nos bem provável que a criança tenha a expectativa de reconhecer o sujeito sintático e lógico da sentença no primeiro DP que mapeia, dentro da condução da compreensão, haja vista que o Português é uma língua SVO. Em passivas longas, esta parece ser a única estratégia possível, o que não condiz com uma interpretação adequada. Assim, a aquisição das propriedades do participio passivo

(BOECKX, 1998) é, precisamente, o que levará o *parser* a prover uma análise adequada da passiva verbal; contudo, esta análise mais custosa poderia ser evitada, no caso de passivas curtas, se o particípio tiver propriedades adjetivas evidentes.

O que parece ser relevante nesta comparação entre passivas curtas e longas é que, diante de passivas longas reversíveis, não haveria qualquer possibilidade de utilização de estratégias de minimização de custo que leve a criança a uma resposta adequada. Isto é, sim, possível no caso de algumas passivas curtas, como parece claro pelos dados com as passivas curtas agentivas reportados no nosso primeiro experimento e nos dados com as curtas não-agentivas com traço de afetação com mudança de estado no DP reportados no segundo experimento desta dissertação.

Deduzimos que o traço semântico em questão seria responsável por licenciar uma construção mais simples em FL. Este mesmo traço semântico parece ser o responsável por permitir a projeção de construções alternativas na sintaxe de determinados verbos psicológicos (NAVES, 2005). Verbos como *magoar*, *animar*, *irritar* e *assustar* projetam, também, duas passivas, uma verbal (*João foi magoado/animado/irritado/assustado pelo Pedro*) e uma adjetiva (*João ficou magoado/animado/irritado/assustado com o Pedro*). Nossos resultados confirmam que o traço de afetação com mudança de estado presentes nestes particípios licenciaria uma interpretação que, diferentemente das passivas com os verbos psicológicos testados no primeiro experimento, parece ter possibilitado que não se obtivesse uma diferença significativa entre esta condição e a condição *curtas_agentivas* do primeiro experimento.

Frente aos dados referidos nos últimos parágrafos de dois dos nossos experimentos, atrelados aos indícios encontrados a respeito dos auxiliares, no experimento 3, chegamos à conclusão de que a aquisição de passivas é, prioritariamente, uma aquisição dos diferentes tipos de particípios de uma língua. Ou seja, por mais que os auxiliares, em PB, sinalizem diferenças entre as passivas verbais e adjetivas, em última instância, as crianças se sobreporiam a estas diferenças, derivando a estrutura que lhe traga menor custo computacional e, ao mesmo tempo, permita alcançar a compreensão adequada do enunciado percebido. Assim, somos capazes de afirmar que, mesmo em Português, em que na gramática do adulto existe uma diferença clara entre passivas verbais e adjetivas, esta

diferença nem sempre é claramente capturada pelas crianças até os seis anos de idade, contrariando o assumido por Rubin (2009).

Com isso, pensamos ter oferecido um panorama para aquisição de passivas do PB, que partiria de aproximações estratégicas entre passivas curtas adjetivas estativas, passando por construções adjetivas resultativas, até que, reconhecido o participio eventivo, se chegaria à compreensão das passivas verbais. A diferença entre as passivas adjetivas e passivas verbais, segundo o Modelo de Corrêa e Augusto (2007), estabelece-se frente à distinção entre os movimentos previstos pela análise formal. O movimento previsto de uma estrutura adjetiva não seria processado por uma demanda discursiva e atenderia, apenas, à fixação paramétrica da língua. Deste modo, este movimento é compulsório e não apresenta qualquer custo computacional mensurável do ponto de vista do processamento em tempo real. Uma vez que a criança distingue a leitura eventiva da passiva verbal, como dissemos, assume um agente demovido na estrutura e entende que o objeto-lógico, que se encontra na posição de sujeito sintático, deve ser interpretado numa outra posição. Para interpretar a sentença adequadamente, a criança precisa lançar mão de uma cópia sequenciada, que se distingue da cópia da estrutura adjetiva (chamada de cópia simultânea pelas autoras do referido modelo), e impõe custo computacional mensurável.

Em suma, reafirmamos que as passivas verbais sejam, estruturalmente, sentenças mais complexas para as crianças falantes de PB. No entanto, as crianças brasileiras são capazes de interpretar melhor passivas curtas do que longas, desde que as passivas curtas sejam derivadas a partir de um participio com propriedades semânticas estativas/resultativas.

Ao longo da literatura, uma disputa entre hipóteses continuístas e maturacionais circunda as discussões acerca de passivas, no mesmo intento de explicação do suposto atraso universal. Neste sentido, não rejeitamos, nem assumimos as hipóteses Continuista (PINKER, 1984) ou Maturacional (BORER e WEXLER, 1987). Sob a nossa perspectiva, muito ainda há a se compreender sobre o que promove as mudanças substanciais que vão se operando na gramática infantil. Apontamos, no entanto, que um olhar conciliador que considere os aspectos formais e as demandas distintas que se impõem para a produção e a compreensão da linguagem parece ser bastante elucidativo e deve ser privilegiado ao se trilhar esse caminho.